

BULLYING, FENÔMENO INVISÍVEL NAS ESCOLAS

SILVIO LUIZ BETEMPS DA SILVA¹; GLAUCIUS DÉCIO DUARTE²

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas – silviobetemps@hotmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas – glaucius@pelotas.ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar a situação atual de uma pesquisa, vinculada ao Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas, em que se aplica a tecnologia de mapas mentais (BUZAN, 2009) junto às escolas particulares e da rede pública, visando analisar-se o fenômeno *bullying* nas redes escolares, a partir do primeiro ano do ensino fundamental. Considere-se que este fenômeno, nos últimos anos, tornou-se uma das maiores preocupações dos educadores e da sociedade contemporânea, tendo em vista o aumento significativo de sua prática, na maioria das vezes invisível, em diferentes ambientes escolares do país. Historicamente, a preocupação com a violência no ambiente escolar, segundo Sposito (2001 *apud* ANTUNES; ZUIN, 2008), emergiu nos estudos acadêmicos brasileiros do século XX, a partir da década de oitenta, isto é, verifica-se que a preocupação com uma educação contra a violência é muito recente no Brasil, aproximadamente em torno dos últimos trinta e cinco anos. Nesse sentido, a história da educação no Brasil, comparada ao Velho Mundo, pode ser considerada recente.

Procura-se identificar, através do emprego de mapas mentais (BUZAN, 2009), de que forma a violência escolar começa a tomar corpo. Realmente, este tipo de violência é um problema antigo, configurando um grave problema social e que precisa, urgentemente, ser tratado.

Assim, além dos alunos obesos e acima do peso, os de baixa estatura, e os homossexuais e filhos de homossexuais, que são, estatisticamente, mais alvos de seus colegas do que crianças e jovens considerados "normais". Também, o preconceito e a discriminação dos indivíduos diferentes, fundamentalmente os portadores de deformidades físicas e mentais, podem ser observados no decorrer de toda a história da humanidade (BERNARDI, 2004 *apud* TESSARO *et al.*, 2005). Nesta pesquisa de mestrado, procura-se demonstrar que o tal fenômeno invisível, conhecido por *bullying*, começa a aparecer nas escolas já nas séries iniciais, ou seja, a partir do primeiro ano do ensino básico, onde através de desenhos (na forma de mapas mentais), as crianças começam a "denunciar" tudo aquilo que lhes incomoda, as oprime, quer seja na escola, na família e num "estado" chamado felicidade.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa está utilizando, em sua fase inicial, para identificação de casos de *bullying* em crianças do primeiro ano da educação básica, a tecnologia de mapas mentais que são, segundo Buzan (2009), essencialmente diagramas hierarquizados de informações, no qual podemos facilmente identificar as relações e os vínculos entre as informações. Ou seja, nesta pesquisa, as crianças estão sendo convidadas a criarem desenhos significativos, que partem de três núcleos distintos, previamente disponibilizados na posição central de uma folha: família, escola e felicidade. Então, a partir deste desenho, central à folha, as crianças desenham outros elementos que acreditam estarem relacionados com o

tema central. Espera-se, desta forma, a partir dos elementos adicionais desenhados pelas crianças, conseguir identificar a possível ocorrência de *bullying*, nas crianças analisadas. A fase seguinte, inclui a elaboração de mapas conceituais significativos (MOREIRA; MASINI, 2011) (NOVAK; GOWIN, 1996), por parte dos pesquisadores, a partir dos mapas mentais elaborados pelas crianças, onde se pretende detalhar a ocorrência de itens significativos, tais como desenhos com crianças chorando, pais separados por um X, violência doméstica, abuso escolar etc.

Assim, este trabalho caracteriza uma metodologia de pesquisa qualitativa, em que, através de estudos de caso, utilizam-se grupos focais como tipo de coleta de dados, através de uma análise de discurso tendo como referência, os desenhos aplicados na rede escolar, particular e pública, para detecção de diferenças.

Por sua vez, o problema central da pesquisa é: as condições atuais de ensino, no primeiro ano do ensino básico, já demonstram sinais da existência do *bullying*?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Fante (2005), pesquisadores de todo o mundo atentam para a ocorrência do fenômeno *bullying*, apontando aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento e ao fato de atingir, inclusive, os primeiros anos de escolarização. Calcula-se que em torno de cinco a trinta e cinco por cento das crianças em idade escolar estejam envolvidas, de alguma forma, em condutas agressivas na escola, atuando como vítimas ou agressoras. Também, de forma impressionante, verifica-se que muitas das que já foram vítimas, passam a agir como novas agressoras, colaborando para o aumento do fenômeno.

No que diz respeito ao Brasil, segundo Fante (2005), o fenômeno *bullying* é uma realidade inegável nas escolas brasileiras, independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola, da cidade, onde ela se localiza, se são séries finais ou iniciais, ou ainda, se a escola é pública ou privada.

O que se percebe, como conclusões parciais desta pesquisa, analisando-se os mapas mentais já analisados, elaborados por crianças do primeiro ano da educação básica, é que, já nesta fase escolar, as crianças trazem, de seu próprio ambiente familiar, sinais de convivência não harmoniosa, ou de permissividade, onde tudo podem, e chegam na escola trazendo consigo essa "marca".

Os mapas mentais do núcleo "família", apresentam desenhos com as mais diversas formas de expressão, que incluem, desde a criança sozinha, aquela que retrata a ida para a escola em transporte escolar (ressalta-se que o *bullying* pode ocorrer ali mesmo, antes da criança chegar à escola), o choro, ou demonstram o medo estampado nos desenhos.

Com relação aos mapas mentais relacionados com a "escola", surgem desenhos com crianças retraídas, ou extremamente soltas com relação ao ambiente sala de aula, desenhos onde um "X" aparece sobre o desenho da professora, indicando mais um sinal de medo. Isso nos remete a pensar se a escola realmente tem seus professores devidamente qualificados para lidarem com este tipo de problema, ou se tratam simplesmente o tema pensando assim: "Os alunos ficarão apenas este ano com determinada professora. No ano seguinte, já estarão em outras turmas, com outros professores. É melhor fazer de conta que não está ocorrendo nada...". Mas, também pode-se pensar como: "Até que ponto a culpa é do professor? Ele acaba sendo o malvado da estória! Em casa, a criança, vive completamente sem limites. Na escola, encontra alguém

que, além de lhe ensinar, também acaba tentando educar, o que seria função da família".

O art. 227 da Constituição Federal (BRASILa, 1988), diz que:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASILc, 1990) versa sobre o direito à liberdade, ao respeito, à dignidade e à educação, dentre outros. Nos seguintes artigos está escrito:

Art. 15 – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeito de pessoas civis, humanos e sociais garantidos na Constituição Federal e outras leis [...] Art. 17 – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais [...]

Com relação aos mapas mentais que trazem como núcleo a "felicidade", os desenhos concebidos pelas crianças incluem animais de estimação, vistos como seu maior ícone de felicidade, sendo que, em muitos deles, a família é desenhada em segundo plano.

Como continuação desta pesquisa, também se pretende aplicar os mapas mentais em uma escola da zona rural, para que se possa comparar com os desenhos realizados pelas crianças da zona urbana. Além disso, os itens significativos encontrados serão exaustivamente representados através de mapas conceituais, para melhor compreensão e apresentação do problema.

4. CONCLUSÕES

A partir do material obtido até o momento, já é possível identificar a presença do fenômeno *bullying* nas escolas da rede pública e particular. Através da análise dos primeiros desenhos elaborados pelas crianças, já se pode afirmar que, mesmo nessa fase escolar, isto é, no primeiro ano da educação básica, as crianças já trazem consigo indícios de suas angústias. Demonstrem, claramente, que o fenômeno aparece cada vez mais cedo nas redes escolares.

É importante salientar que o que se pretende com esta pesquisa, além de denunciar o que já aparece claramente aos olhos de pais, professores e da sociedade contemporânea, é provar, também, que a família é a principal causa destes transtornos dos jovens que se tornam agressivos na escola, e que transformam a vida de seus colegas, num verdadeiro inferno. E o pior, é que estas crianças que, hoje são vítimas de algum tipo de *bullying* na escola, amanhã, serão agregadas a um novo "exército de agressores". Na realidade, isso caracteriza uma "bola de neve" que não para de crescer. O que queremos, é mostrar que os professores, a escola, ambos precisam precaver-se, saber lidar com o fenômeno invisível, que pode marcar a vida de muitas crianças, pelo resto de suas vidas,

isso, quando não são ceifadas antes. Há garantias jurídicas, mas ainda se discute até onde temos de prevenir e, quando podemos punir. As leis são contraditórias e não se posicionam claramente. Devemos, sim, propor ferramentas, auxiliando o professor no processo de ensino e aprendizagem, face ser o *bullying* um dos maiores motivos de evasão escolar. Devemos buscar um novo formato educativo, que sirva de respaldo aos educadores realmente comprometidos com a educação da nossa próxima geração. Está lançado o alerta!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.20, n.1, p.33-42, jan./abr. 2008.

BERNARDI, Eliane Seemann. **Inclusão escolar: opinião de pais de crianças sem necessidades educacionais especiais**. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

BRASILa. **Constituição Federal**. 1988. Acessado em 3 nov. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituição/constituição_compilado.htm

BRASILb. **Código Penal. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Acessado em 3 nov. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm

BRASILc. **Estatuto da criança e do adolescente**. 1990. Acessado em 3 nov. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

BUZAN, Tony. **Mapas mentais**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

DECLARAÇÃO. **Declaração universal dos direitos humanos**. Acessado em 3 nov. 2013. Disponível: http://www.portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

MANTOAN, Maria Tereza Egler (Org.). **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, c.12, p. 10-12, 1997.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2011.

NOVAK, Joseph Donald; GOWIN, D. Bob. **Aprender a aprender**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996.

PESSOTI, Isaias. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: EDUSP, 1984.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p.87-103, jan./jun. 2001.

TESSARO, Nilza Sanches *et al.* Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educacionais especiais. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.9, n.1, p.105-115, jan./jun. 2005.